

REDE URBANA NO ESTADO DA PARAÍBA: NOVOS ARRANJOS E DINÂMICAS¹²

Taynan Araújo de Oliveira³
taynan.araujo02@gmail.com

RESUMO: Em virtude das transformações políticas, sociais e econômicas ocorridas no Brasil nas últimas duas décadas, a rede urbana ganha novos elementos para compreensão. Diante disso, este artigo objetiva analisar a constituição de novos arranjos e dinâmicas na rede urbana tomando por base o estado da Paraíba. Para isso, serão levados em consideração três elementos: a atuação do estado na produção do espaço urbano e regional, o avanço do capitalismo e a expansão do meio técnico-científico-informacional. A partir dessa análise pôde-se constatar que a rede urbana na Paraíba está passando por um processo de rearticulação proveniente dos elementos mencionados e por isso a ideia de compreender esta rede como uma simples articulação de centros pautada na hierarquia já não é mais suficiente dar conta de explicar as complexidades existentes e suas relações em diversos níveis escalares.

Palavras-chave: Rede Urbana. Rearticulação. Paraíba.

GT – 15: Brasil não metropolitano: temporalidades e espacialidades urbanas

¹ O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação Pessoal de Aperfeiçoamento Superior (CAPES) – Código de financiamento 001.

² Trabalho orientado pela Profa. Dra. Rita de Cassia da Conceição Gomes. Docente do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

³ Doutorando pelo Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

I. INTRODUÇÃO

Estudar a rede urbana tem sido um grande desafio para os geógrafos no século XXI, dadas as transformações políticas, econômicas e sociais ocorridas nas duas primeiras décadas deste século. Compreender a rede urbana apenas pelas conexões estabelecidas entre os centros urbanos ou através das relações hierárquicas já não é mais suficiente para fazer leituras que tratem das suas especificidades e complexidades na contemporaneidade. Por esse motivo, muito se tem estudado acerca do conceito de hierarquia e sua ressignificação, haja vista que as relações estabelecidas entre os centros urbanos estão comandadas não mais por uma hierarquia rígida, mas por um jogo de escalas que vai do local até o global.

Os trabalhos de pesquisa que versam sobre rede urbana sempre estiveram focados na análise dos papéis e funções dos centros urbanos de maior porte, como é o caso das pesquisas que tratam das cidades médias como principais elos de articulação da rede urbana. No estado da Paraíba, objeto de análise deste artigo, não foi diferente. Sempre que é realizado algum estudo sobre rede urbana no estado, remete-se aos papéis e funções que são exercidas por três centros urbanos, são eles, João Pessoa, Campina Grande e Patos, sendo os dois primeiros colocados em maior evidência nas discussões.

Diante do atual cenário, outros centros urbanos começaram a ampliar seus papéis e funções na rede urbana, haja vista a construção de novos arranjos e dinâmicas engendradas na produção do espaço urbano e regional de tais localidades. É possível inferir, por meio de observações empíricas e pesquisas anteriores, que estes centros urbanos tiveram sua dinamização calcada em três elementos, a saber: a atuação do estado por meio da implementação de políticas públicas, sobretudo no setor de serviços educacionais, o avanço do capital e a dinamização do setor terciário baseado na lógica do meio técnico-científico-informacional.

Desse modo, objetivamos com este trabalho explicitar como os elementos em questão se consolidaram na produção do espaço urbano e regional do estado da Paraíba e quais os seus reflexos para compreensão da construção de novos arranjos e dinâmicas que rearticulam a rede urbana. O trabalho em tela está assentado em uma revisão teórica da temática, na análise e discussão do documento de regionalização do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2017), entendido como aporte inicial da nossa discussão, como também em dados empíricos e concretos das cidades estudadas. O trabalho está estruturado da seguinte forma: inicialmente será explicitada uma discussão teórica sobre o conceito de rede urbana na contemporaneidade; por conseguinte trataremos uma breve discussão da rede urbana na Paraíba e a

regionalização do IBGE como aporte para compreendermos a constituição dos novos arranjos e os objetos de pesquisa analisados neste artigo; posteriormente, tomando por base o tópico anterior, serão ressaltados os novos arranjos e dinâmicas da rede urbana na Paraíba com base em cinco regiões, sendo três imediatas e duas intermediárias; por fim, apresentaremos as considerações finais e quais os principais desafios encontrados para o estudo e compreensão da rede urbana na Paraíba.

II. REDE URBANA NA CONTEMPORANEIDADE

Ao tratarmos de rede urbana na contemporaneidade podem surgir vários elementos explicativos que dão conta de apontar o quão complexo tem sido entender o que de fato é uma rede urbana. Em uma definição mais básica, a rede urbana pode ser compreendida de acordo com Corrêa (1989, p. 82) como “um conjunto funcionalmente articulado de centros que se forma na estrutura territorial onde se verifica a criação, apropriação e circulação do valor excedente”. Para o autor, a rede urbana, devido a sua complexidade, pode ser considerada como um reflexo social, resultado de complexos e mutáveis processos engendrados por diversos agentes sociais.

A rede urbana é parte de um conjunto de redes geográficas, sendo atualmente uma das mais estudadas. De acordo com Spósito (2017), o estudo da rede urbana deve levar em consideração a formação socioespacial, a ideia de hierarquia, embora esta já se encontre ressignificada, além de outras relações como, por exemplo, a relação de cooperação e competitividade e a relação campo-cidade. Para a referida autora, a rede urbana pode ser entendida, atualmente, através de relações virtuais e materiais, haja vista que as lógicas espaciais que operam em rede estão comandadas pelas lógicas do meio técnico-científico-informacional.

Nesse sentido, as cidades passam a ser pontos de apoio material de múltiplas redes e elas mesmas constituem a rede. As transformações sociais e políticas resultaram em mudanças econômicas e, dentro dessa lógica, ocorreu a disseminação do meio técnico-científico-informacional e a inserção de variadas localidades urbanas na lógica global. No atual cenário econômico, desenhado durante as últimas décadas, a diferenciação na densidade de capital, técnica, ciência e informação é ainda uma questão que merece ser discutida, haja vista que os espaços se diferenciam pela densidade desses três elementos.

Bernardo e Spósito (2017) evidenciam que é possível que as modernizações cheguem aos espaços de maneira heterogênea, o que induz a diferenciação entre eles. Para os autores, a modernização baseada na especialização de funções propicia uma hierarquia funcional pautada no

princípio da informação, pois as áreas que acolhem as modernizações ou os seus principais efeitos são aquelas mais capazes de acolher outras modernizações. Por esse motivo, as cidades se tornam cada vez mais diferentes entre si, contendo suas especificidades, mesmo com a presença de elementos semelhantes, pois ocorre a distribuição de funções produtivas e uma centralização da atividade gestora do território. Segundo Bernardo e Spósito (2017, p. 283):

A distribuição das funções produtivas entre as cidades assim como a centralização da atividade gestora do território estão pautadas nos paradigmas no período técnico-científico-informacional, em que a tecnologia, precedida pela ciência, e os mecanismos de informação – virtuais e não virtuais – tanto na sua criação como na sua difusão, baseados na evolução dos meios de transporte e, por consequência, das redes viárias, propiciam a confluência de frações do espaço. As modernizações relativas a cada período são impostas e procedem do centro para periferia, ou melhor, das áreas mais racionais para as áreas menos racionais, afim de propiciar o aumento da complexidade do sistema.

As diferenciações espaciais por meio da difusão do meio técnico-científico-informacional se processam em distintas realidades espaciais de maneira diversificada, o que leva a um entendimento espacial mais complexo por essa condição. Nesse sentido, dado o avanço da técnica, da ciência, da informação e do capital, compreender o sistema urbano contemporâneo, a partir dessa perspectiva de análise, é primordial para abarcar as contradições existentes em muitos trabalhos técnicos e com análises funcionais, bem como quebrar a construção de teorias urbanas pautadas no princípio da hierarquia.

Se tomarmos por base, por exemplo, a discussão de hierarquia é possível entender que esta ideia não se aplica diretamente a muitas realidades urbanas no Brasil atual, tendo em vista que as relações entre os centros urbanos não seguem uma classificação, o que ainda é apontado nos estudos do IBGE, como é o caso dos estudos da Região de Influência das Cidades – REGIC. De acordo com Catelan (2012) não há o desaparecimento da escala regional e local, porém estas são ressignificadas com novos conteúdos, desse modo, a articulação se dá entre escalas geográficas. Para Spósito (2010), as dinâmicas engendradas pelo processo que vem sendo denominado de globalização alteram esse quadro de redes hierárquicas, estabelecendo novos contextos espaciais, nos quais os fluxos que articulam cidades de uma rede urbana não são apenas hierárquicos.

A partir dos elementos mencionados, fica claro que o estudo da rede urbana na contemporaneidade não pode se restringir apenas ao entendimento de como as cidades se relacionam por meio da dependência, nesse caso as relações hierárquicas, ou dos fluxos de pessoas, capital e mercadorias. A rede urbana perpassa a dimensão das relações puras e simples, ou seja, é

dotada de elementos que atribuem certas complexidades que só podem ser compreendidas por meio de análises mais específicas, levando em consideração distintos vetores. Diante de todos os processos que podem ser vislumbrados no atual cenário político, econômico e social do Brasil no período contemporâneo é possível inferir que a rede urbana é um conjunto de relações que se processam no âmbito de cidades, constituídas como ponto material de sua existência, e a partir delas se desenrolam relações que são multiescalares e que coexistem na escala local, nacional e global.

III. REDE URBANA NO ESTADO DA PARAÍBA

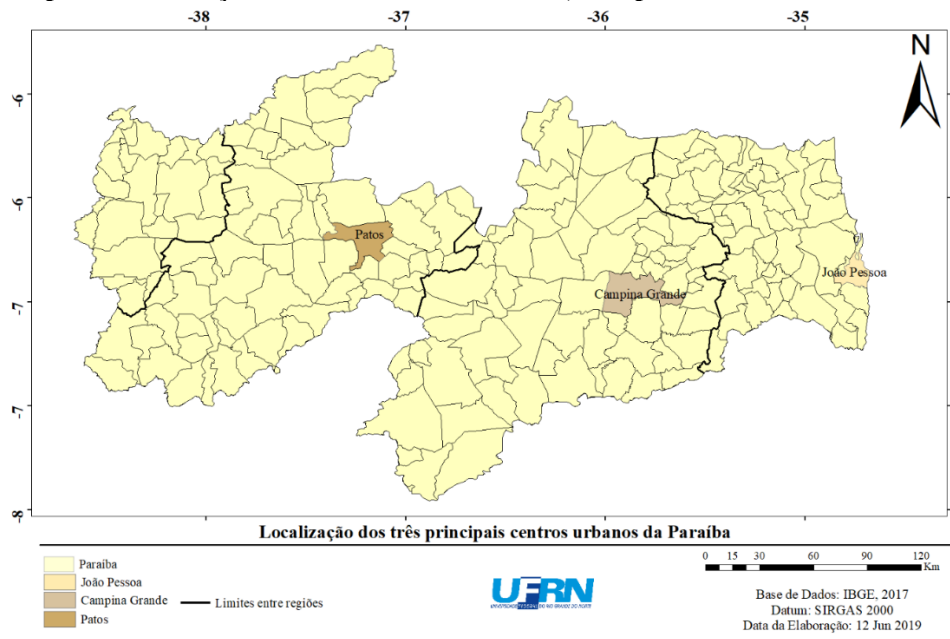
Apresentar a rede urbana no estado da Paraíba é, sobretudo, um exercício de reflexão que requer uma análise detalhada acerca de processos, agentes e escalas que se sobrepõem e rearticulam dinâmicas que foram construídas ao decorrer do tempo. As formas de organização da rede urbana no estado da Paraíba, assim como as articulações construídas, passaram por processos de transformação que resultaram em mudanças de papéis e funções dos centros urbanos, bem como de relações estabelecidas em escala local, regional e global.

Quando se discute a rede urbana na Paraíba há uma constante referência aos principais centros urbanos do estado, que são: João Pessoa (Capital Regional “A”), Campina Grande (Capital Regional “B”/Cidade Média) e Patos (Centro Sub-Regional)⁴. Essa discussão nos leva a entender que a rede urbana pode ser compreendida somente através desses centros e pelos papéis que desempenham em virtude dos seus padrões de estruturação e centralidade no contexto regional.

No entanto, esquece-se com muita facilidade, que outros centros, de padrões hierarquicamente inferior, passaram por transformações que são tão significativas quanto as que ocorreram no espaço das cidades consideradas como maior influência na rede urbana. Se observarmos o mapa do estado da Paraíba, veremos que há um certo distanciamento geográfico, em relação a localização, dos grandes centros, Campina Grande e João Pessoa, para com as demais localidades urbanas. Desse modo, é claro que todas as cidades que estão após os dois referidos centros dependem totalmente dele, sendo essas duas cidades as maiores hierarquias na rede urbana. Vejamos a representação no mapa abaixo:

⁴ Classificação apresentada de acordo com o estudo de Região de Influência das Cidades – REGIC (2007).

Mapa 1 – Localização das cidades de João Pessoa, Campina Grande e Patos - Paraíba



Elaboração: ARAÚJO, Elânia Daniele Silva.
Organização: OLIVEIRA, Taynan Araújo.

Estudos desenvolvidos recentemente, como é o caso dos que foram apresentados pela Rede de Pesquisadores Sobre Cidades Médias – ReCiMe, elucidam o papel que a cidade de Campina Grande desempenha para a rede urbana do estado e, até mesmo, seus processos de estruturação e reestruturação, fato que serve para explicar a ampliação dos papéis regionais e reforçar sua importância como elo de articulação da rede urbana local e nacional, já que essa é uma das funções que as cidades médias têm desempenhado na contemporaneidade.

Além dos estudos referentes a Campina Grande, existem também trabalhos de pesquisa que buscam compreender os papéis que a cidade de Patos, entendida como uma importante localidade urbana e regional do Sertão paraibano, exerce no contexto do estado, bem como seus padrões de estruturação no que se refere às transformações intraurbanas que favoreceram a ampliação dos papéis e funções na escala regional. No entanto, ainda se trata de produções muito incipientes e que não permite uma compreensão mais detalhada do referido centro urbano no contexto da rede urbana no estado.

Diante do mapa e das observações apresentadas fica evidente que a rede urbana no estado da Paraíba é compreendida, basicamente, em torno de três centros urbanos, sendo Campina Grande um dos mais estudados. Os demais centros urbanos, de porte inferior, não aparecem com tal destaque em pesquisas, assim como não há, ainda, uma compreensão a respeito dos papéis que

exercem e dos processos que conduziram mudanças significativas não só em suas funções e papéis, como também nas relações que perpassam a escala local.

Os centros urbanos de menor dimensão, classificados pela REGIC (2007) como sendo: Centro Sub-Regional (A e B) e Centros de Zona, desempenham, atualmente, importantes funções e papéis na rede urbana. Tais centros foram alvo de investimentos públicos como, por exemplo, a implantação de Institutos Federais, Universidades Federais e, além disso, tiveram um crescimento ampliado de outras formas do setor terciário, o que favoreceu a consolidação desses novos arranjos e dinâmicas. Nesse sentido, começaremos a compreender a partir de agora quais são os centros urbanos que são responsáveis por consolidar esses novos arranjos e dinâmicas na rede urbana do estado da Paraíba. Mas, antes disso, é necessário analisar e entender a Regionalização de 2017 do IBGE, que propõe uma divisão em regiões geográficas imediatas e intermediárias e coloca em evidência centros urbanos que serão o nosso foco de estudo para compreender essas novas articulações da rede urbana na Paraíba.

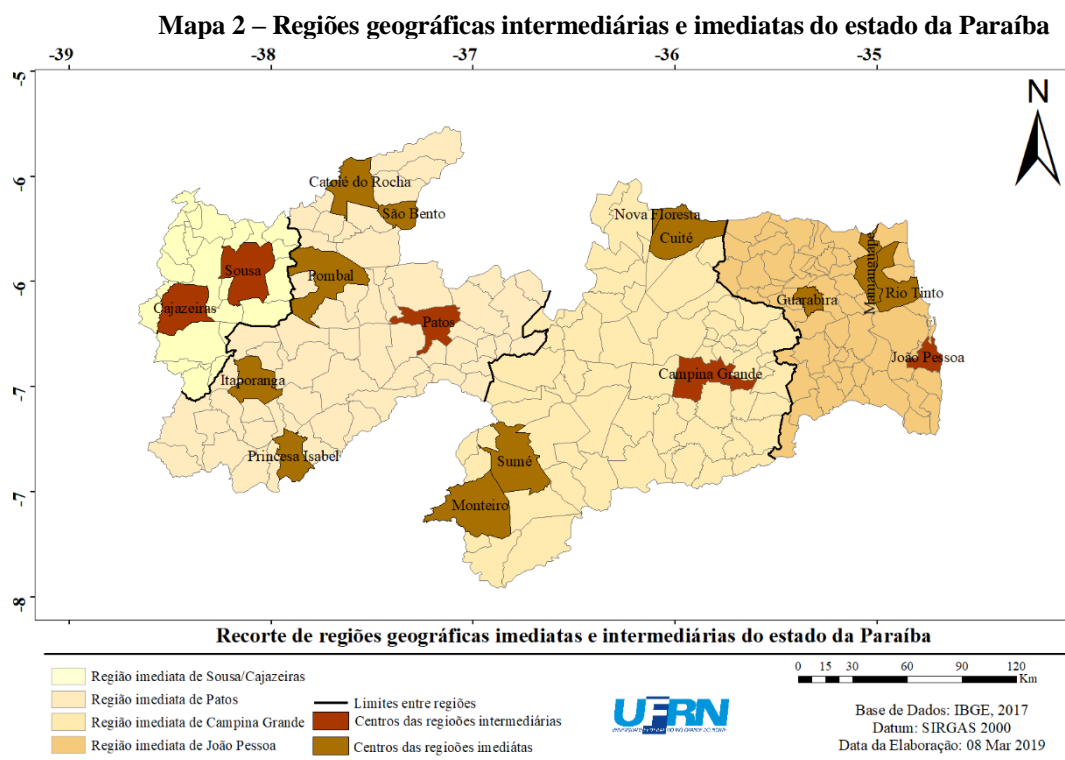
O estudo de regionalização do IBGE de 2017 é uma proposta que leva em consideração as transformações políticas, econômicas, demográficas e ambientais ocorridas no Brasil ao longo da última década do século XX até a primeira década do século XXI. O objetivo deste estudo é revisar a divisão anterior das unidades mesorregionais e microrregionais. Para isso adota como base três propostas anteriores do IBGE, a saber: zonas fisiográficas (1940), microrregiões homogêneas (1968) e microrregiões e mesorregiões (1989). Em virtude de tais transformações, o IBGE propõe o recorte em regiões geográficas imediatas e regiões geográficas intermediárias, ainda pouco utilizado pela Geografia nas análises urbanas e regionais. O recorte proposto leva em consideração o marco temporal das últimas três décadas, baseando-se em recortes pretéritos. Para isso, toma por base alguns elementos concretos, tais como: rede urbana, classificação hierárquica dos centros urbanos e detecção dos fluxos de gestão.

As regiões imediatas são definidas a partir de um conjunto de centros que se ligam a um centro urbano mais próximo, sendo este o espaço de concentração de bens e serviços voltados para satisfação de necessidades imediatas. As regiões intermediárias estão articuladas a partir de um conjunto de centros que se ligam a metrópoles, capitais regionais ou centros regionais de menor porte, quando observada a inexistência de centros maiores. Esta divisão adota a ideia de hierarquia superior diferenciando a partir dos fluxos de gestão (público e privado) e funções urbanas de maior complexidade. A proposta de regionalização elaborada em 2017 objetivou recortar o país a partir de critérios que fossem aplicáveis a todas as realidades. No entanto, em alguns casos, a

classificação apontada deixa certas lacunas. O processo de regionalização leva em conta os conceitos de território rede e território zona elaborados por Haesbaert (2010), sendo o primeiro compreendido na dimensão dos fluxos e das formas e o segundo através da fluidez e estabilidade.

Diante disso, são estabelecidos alguns critérios para classificação de regiões imediatas e intermediárias. As regiões imediatas devem possuir um total mínimo de cinco municípios, salvo algumas exceções. Geralmente, as cidades que são classificadas como centro destas regiões imediatas se destacam pela oferta de serviços públicos e privados e pelos estabelecimentos de comércio destinados ao consumo de necessidade imediata.

As regiões imediatas e intermediárias podem ser constituídas a partir de um único centro articulador, mas em alguns casos podem ser classificadas multipolarizadas, ou seja, quando possuem mais de um centro com capacidade de articulação regional, temos como exemplo a região de Sousa/Cajazeiras (intermediária) e Mamanguape-Rio Tinto (imediate), no estado da Paraíba. Os arranjos identificados na constituição das regiões imediatas são os fluxos de gestão pública e empresarial, o deslocamento para trabalho e estudo, além dos elementos já apontados no estudo da REGIC (2007). De acordo com o estudo de regionalização do IBGE de 2017, o estado da Paraíba possui quatro regiões intermediárias e quinze regiões imediatas. Observe o mapa abaixo:



Elaboração: ARAÚJO, Elânia Daniele Silva.
Organização: OLIVEIRA, Taynan Araújo.

O estudo de regionalização de 2017, através da classificação das regiões imediatas e intermediárias, trouxe a possibilidade de compreender a rede urbana na Paraíba por meio de outros centros urbanos que não são, necessariamente, Campina Grande e João Pessoa. Por esse motivo, elegemos este estudo como ponto de partida para construção de nossas análises, haja vista que os novos arranjos e dinâmicas podem ser explicados a partir das cidades que ganham destaque como centro de regiões geográficas imediatas e intermediárias, dentre elas: Patos, Sousa, Cajazeiras e todos os municípios que compõem suas regiões imediatas.

Em virtude da carência de estudos urbanos e regionais a partir das cidades e regiões mencionadas, assim como as transformações ocorridas recentemente, que explicam muito a noção de rede urbana que pretendemos discutir, tomaremos como ponto de partida para análise duas regiões intermediárias do estado da Paraíba, a região de Patos e de Sousa/Cajazeiras e as regiões imediatas que estão contidas nestas duas regiões intermediárias. Diante disso, o trabalho de regionalização apresentado e discutido neste artigo é apenas um ponto de partida. Para tanto, não queremos aqui fazer um estudo detalhado desta regionalização ou contestar os critérios utilizados pelo IBGE.

IV. NOVOS ARRANJOS E DINÂMICAS DA REDE URBANA NA PARAÍBA: AS REGIÕES INTERMEDIÁRIAS DE PATOS E SOUSA/CAJAZEIRAS

A compreensão dos novos arranjos e dinâmicas da rede urbana na Paraíba não encontra-se desvinculada das transformações ocorridas no Brasil durante o final do século XX e as primeiras décadas do século XXI. Para Corrêa (2001), três alterações vêm ocorrendo na rede urbana, a saber: a crescente complexidade funcional dos centros urbanos, a articulação entre os centros e a complexidade do padrão espacial da rede urbana. Isso tem levado a uma maior divisão territorial do trabalho e, conseqüentemente, tem ampliado a complexidade das redes urbanas. Nesse sentido, as relações passam a se consolidar de maneira mais articulada e, ao mesmo tempo, difusa, o que vai gerar uma rede urbana mais complexa.

De acordo com Corrêa (2006), o Brasil do século XXI apresenta numerosos ciclos de reprodução do capital, geradores de interações multifacetadas, multidirecionadas e de intensidades variadas, que geram uma rede urbana cada vez mais complexa. Sendo assim, faz-se necessário compreender como esses ciclos se completam em distintas localidades urbanas para não recorrer à padronização hierárquica difundida por variados estudos regionais brasileiros. Spósito (2010)

pontua que as relações entre cidades em uma rede, ainda que pequenas, podem se estabelecer com cidades de outras redes urbanas e de outros portes, sem que haja intermediação daquelas que, em constituição hierárquica anterior, estão em posição superior às cidades pequenas e médias. Dito isso, observa-se que variados centros urbanos estabelecem relações de variados níveis escalares, do local até o global, quebrando as relações hierárquicas consolidadas há muito tempo.

No compasso em que ocorreu a reprodução do capital por variadas localidades urbanas brasileiras, bem como a abertura econômica da década de 1990 e a reestruturação urbana e produtiva, começa-se a discutir a existência de novos padrões espaciais para o estudo das redes urbanas. Dentre esses padrões, segundo Corrêa (2006), pode-se mencionar: a consolidação da globalização; o aumento da população urbana; as mudanças no setor varejista e atacadista; a circulação de pessoas, capitais, mercadorias e informações; a industrialização do campo; e as mudanças na organização empresarial. Diante disso, os espaços urbanos começaram a se reestruturar e a desempenhar novas funções em suas regiões.

Haesbaert (2010) escreve que a reestruturação produtiva rompe com os arranjos geográficos piramidais, pois, na escala da região, mesclam-se relações entre o local, o regional e o global. A rede urbana enquadra-se dentro dessa análise, uma vez que a reestruturação produtiva tem suscitado a consolidação de novos arranjos espaciais, capazes de rearticular as relações estabelecidas entre as localidades urbanas. Assim, redefinem-se os papéis e quebram-se as estruturas hierárquicas enrijecidas durante muito tempo.

No contexto dessa redefinição da rede urbana brasileira podemos trazer como objeto de análise a rede urbana no estado da Paraíba, que a partir das transformações ocorridas nas últimas duas décadas, tem sido marcada pela consolidação de novos arranjos e dinâmicas. Com base na proposta de regionalização apresentada anteriormente, adotaremos como recorte espacial de análise as cidades do Sertão paraibano que estão localizadas nas regiões intermediárias de Patos e Sousa/Cajazeiras. O referido documento trouxe novos elementos para discussão urbana e regional no Brasil e um deles é a possibilidade de analisar a rede urbana a partir de outros enfoques e de outros centros urbanos que em outros estudos não aparecem em evidência.

Sendo assim, elegeu-se como recorte para este artigo as cidades de Cajazeiras, Patos, Pombal, Itaporanga e Sousa, localizadas no Sertão⁵ paraibano, tais localidades podem ser entendidas como espaços onde o processo de reestruturação produtiva ocorreu de maneira bastante

⁵ Classificação apresentada no documento de regionalização de 1989 que dividiu o Brasil em unidades mesorregionais e microrregionais. De acordo com esta regionalização o estado da Paraíba possui 4 mesorregiões denominadas de Zona da Mata, Agreste, Borborema e Sertão, além de 23 microrregiões.

significativa permitindo explicar a constituição de novos arranjos e dinâmicas na rede urbana. A região onde se localiza estas cidades foi e ainda é vista como um espaço de atraso socioeconômico em virtude das condições naturais e isso, de certo modo, sempre foi usado como uma “justificativa” tanto para questão dos investimentos públicos como para expansão do capital, técnica, ciência e informação.

É fato que o Brasil possui uma urbanização nos moldes do setor terciário, conforme afirmou Santos (1981), e isso pode ser usado como um elemento relevante para compreender a rede urbana no contexto em que traçamos a nossa discussão, pois foi a partir da expansão deste setor que várias cidades ampliaram seus papéis na rede urbana em distintas escalas, bem como tiveram seu processo de estruturação urbana. Para construção da análise dos novos arranjos e dinâmicas da rede urbana na Paraíba partiremos de alguns vetores, dentre eles: o avanço do capitalismo; a atuação do estado na produção dos espaços urbanos a partir da implementação de políticas públicas para dinamização territorial; o crescimento e expansão do setor terciário da economia aliado a difusão do meio técnico-científico-informacional.

O estado exerceu e ainda exerce importante papel no processo de dinamização dos espaços de variadas localidades do interior do estado da Paraíba. Esse fato pode ser verificado a partir do crescimento exponencial de instituições de ensino técnico e superior, públicas e privadas, que tiveram sua implementação mediada por políticas públicas propostas pelo estado. Cidades como Patos, Sousa, Cajazeiras e Pombal tiveram sua dinâmica urbana completamente alterada em virtude da implantação de *campi* de Universidades e Institutos Federais, além de instituições privadas de ensino que, indiretamente, também tiveram seu crescimento fomentado pelo estado através de programas, como é caso do Financiamento Estudantil – FIES e do Programa Universidade para Todos – PROUNI. De acordo com o levantamento realizado as cidades estudadas contam com as seguintes instituições de ensino superior e técnico:

Quadro 1 – Instituições de ensino superior e técnico nas regiões imediatas e intermediárias

Cidade	Instituições
Cajazeiras	Universidade Federal de Campina Grande – UFCG Instituto Federal da Paraíba – IFPB Faculdade Santa Maria Faculdade São Francisco da Paraíba Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Cajazeiras - FAFIC
Patos	Universidade Federal de Campina Grande – UFCG Instituto Federal da Paraíba – IFPB Universidade Estadual da Paraíba – UEPB Faculdades Integradas de Patos - FIP
Pombal	Universidade Federal de Campina Grande – UFCG Instituto Federal da Paraíba – IFPB
Sousa	Universidade Federal de Campina Grande – UFCG Instituto Federal da Paraíba - IFPB
Itaporanga	Instituto Federal da Paraíba - IFPB

Fonte: OLIVEIRA, 2019.

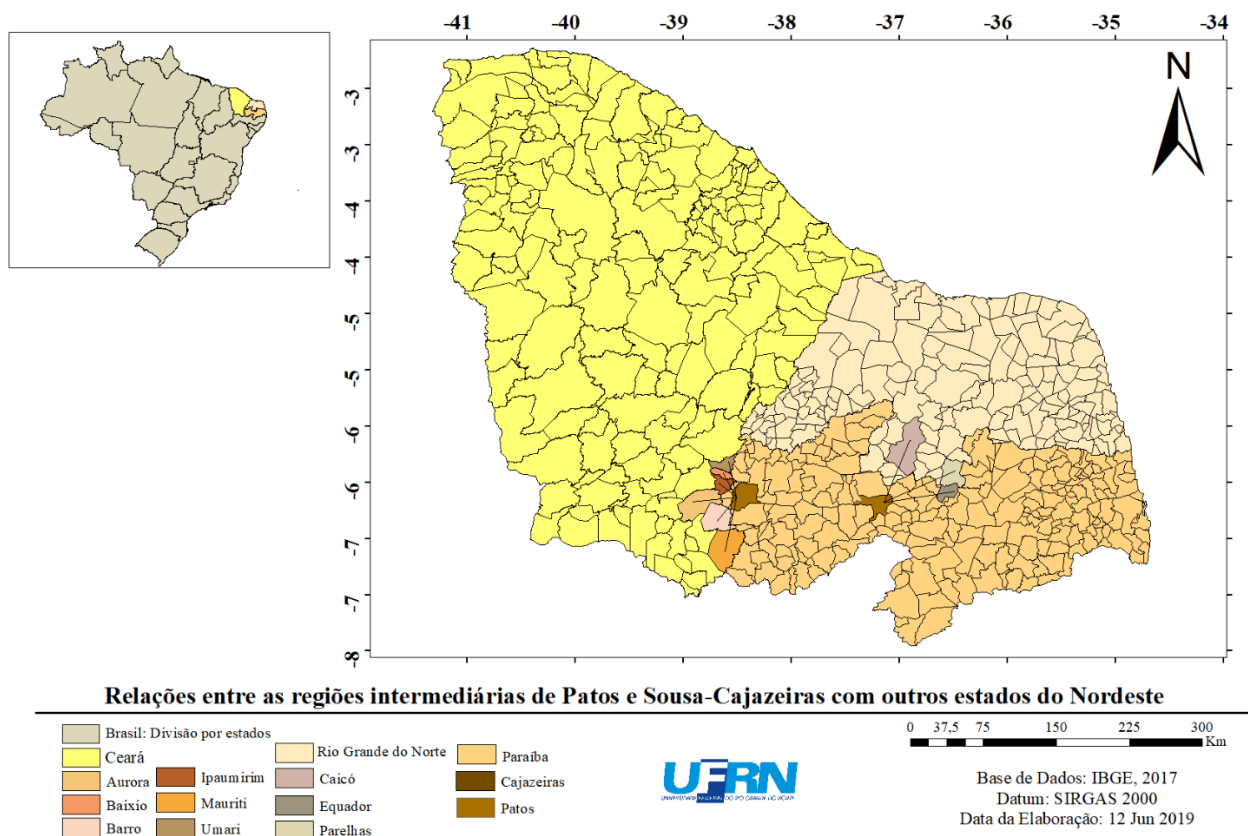
Conforme pode-se observar no quadro acima, as referidas cidades possuem uma expressiva concentração de instituições de ensino superior e técnico, elemento de extrema relevância para compreender os papéis que estas exercem na rede urbana. Embora tenhamos desconsiderado outras instituições de ensino superior como, por exemplo, as de ensino semipresencial e a distância, já é possível inferir que essas instituições são importantes fontes geradoras de centralidade, pois ao mesmo tempo em que dinamizaram a economia dessas cidades, também modificaram seus papéis na rede urbana, sendo responsável, inclusive, por estender o raio de influência das cidades e da região.

As instituições de ensino superior, principalmente as da rede privada, oferecem cursos de graduação nas mais diversas áreas, com destaque expressivo para área de saúde como, por exemplo: Enfermagem, Odontologia, Fisioterapia, Nutrição, Medicina, além de cursos como

Direito, Engenharia, etc. As instituições públicas, no caso dos IF's e das UF's, ofertam cursos técnicos, graduações tecnológicas e graduações (bacharelado e licenciaturas) na área de exatas, ciências jurídicas, saúde e educação.

Levando em consideração a realidade das cidades que estão localizadas dentro dessas regiões intermediárias e, até mesmo, de cidades de porte inferior de outros estados, por exemplo, Rio Grande do Norte e Ceará, os centros de regiões intermediárias passam a ser pontos de concentração de serviços educacionais, fato que vai reforçar a centralidade, bem como estender os relacionamentos da rede urbana da Paraíba para além da escala do estado. As relações que passam a ser estabelecidas a partir da implantação dessas instituições dinamizam não o espaço intraurbano, mas também interferem nos arranjos e dinâmicas da rede urbana no estado. Vejamos o mapa abaixo:

Mapa 3 – Relações entre as regiões intermediárias de Patos e Sousa/Cajazeiras com outros estados



Elaboração: ARAÚJO, Elânia Daniele Silva.
Organização: OLIVEIRA, Taynan Araújo.

De acordo com o mapa apresentado é possível inferir que as cidades de Patos e Cajazeiras, centros de regiões intermediárias do estado da Paraíba, estabelecem relações para além da escala

local. Essas relações se dão, sobretudo, em virtude da ausência das intuições de ensino superior em outras localidades, como também pelos tipos de cursos que estão sendo ofertados nas cidades da Paraíba. Além disso, percebe-se que há um certo distanciamento geográfico desses pequenos centros para com as suas capitais, como é o caso das cidades do interior do Ceará (Mauriti, Barro, Aurora, Baixio, Umari, Ipaumirim) e do Rio Grande do Norte (Caicó, Parelhas, Equador).

No tocante ao avanço do capital nestas localidades urbanas é perceptível que ocorreu, nos últimos anos, a multiplicação e diversificação de estabelecimentos de comércio e serviços que estão pautados em uma lógica de estruturação capitalista superior ao que existia anteriormente. Dentre os tipos de estabelecimentos pode-se mencionar as galerias comerciais, atacarejos⁶, redes de supermercados, *shopping center*⁷, clínicas médicas, clínicas odontológicas, clínicas de diagnóstico por imagem, consultório médico, escritórios de contabilidade, escritórios de advocacia, etc.

Por um lado, a multiplicação desses estabelecimentos se deu como reflexo da própria implantação das instituições de ensino, além do fomento de outras políticas implementadas pelo governo federal, no caso do programa Microempreendedor Individual – MEI, que não influenciou diretamente as grandes estruturas comerciais, mas propiciou o surgimento de pequenos estabelecimentos que, por sua vez, dependem diretamente dessas grandes estruturas comerciais para o abastecimento de mercadorias. Esse caso é bem comum nos estabelecimentos comerciais de pequenas cidades que têm o seu abastecimento de mercadorias através dos grandes centros comerciais localizados nos centros de sua região geográfica intermediária.

As cidades classificadas como centro de regiões intermediárias estudadas neste artigo também possuem suas estruturas urbanas marcadas por estabelecimentos comerciais pertencentes a franquias nacionais, desde o setor de vestuário/confecções, artigos de casa até o de alimentação. As franquias são elementos que explicam de maneira contundente a própria reestruturação produtiva, anteriormente discutida, assim como se coloca como um ponto a mais para refletirmos sobre os novos arranjos e dinâmicas, bem como a concentração de capital, técnica e informação.

⁶ Segundo Calsavara (2011), “o atacarejo é uma modalidade de distribuição onde o atacado vende diretamente para o consumidor final, substituindo o papel desempenhado pelo varejista” (CALSAVARA, 2011, p. 5). Para o autor, o Atacarejo ou atacado de *cash and carry* (pegue e pague) faz parte do fenômeno atual de integração vertical, no qual ocorre a venda tanto para os atacadistas quanto para o consumidor final.

⁷ Das cidades estudadas neste recorte apenas Patos possui *shopping center*. A referida estrutura comercial entrou em funcionamento no ano de 2019 e ainda encontra-se em processo de implantação, haja vista que nem todos os estabelecimentos estão em efetivo funcionamento.

A ampliação e diversificação do setor terciário está diretamente relacionada ao avanço do meio técnico-científico-informacional, que se processa não só no âmbito de difusão da ciência através das instituições de ensino, mas também dos estabelecimentos comerciais e de serviços que saem de uma lógica inferior, com baixa concentração de capital, tecnologia, *marketing* e crédito, e entram em uma lógica em que todas as suas relações estão permeadas por esses elementos. A expansão dessas tendências é algo que faz parte da própria reprodução do modo de produção capitalista. No entanto quando entram como vetor para entender a rede urbana, podem explicar o processo de rearticulação, novos arranjos e dinâmicas que trazem outros elementos para pensar a rede urbana.

Os serviços de saúde como, por exemplo, as clínicas de especialidades médicas, que oferecem exames de Raio X e outros de diagnóstico por imagem, tem sua lógica de funcionamento influenciada diretamente pela incorporação de tecnologia e ciência. Esse fato traz duas questões para refletirmos: a primeira é que até pouco tempo essa era uma característica de espaços considerados mais “avançados”, metrópoles e capitais regionais; a segunda é que um elemento como esse é capaz de quebrar relações de hierarquia construídas durante muito tempo, haja vista que um serviço com esse grau de complexidade não era de comum existência em áreas marcadas por problemas socioeconômicos, como é o caso da região analisada.

Os elementos apontados são interessantes porque nos leva a refletir sobre uma das primeiras questões que foram apresentadas neste trabalho a respeito da rede urbana na Paraíba, que é a questão do poder hierárquico atribuído aos centros urbanos de maior porte, Campina Grande e João Pessoa. Tais elementos não servem para justificar que estas cidades deixam de ser hierarquicamente importantes na configuração da rede urbana, até porque a hierarquia ela não deixa de existir, mas nos leva a levantar hipóteses de que a tese sobre as capitais regionais como únicos elos de articulação e espaços de maior reprodução do capital, técnica, ciência e informação não mais se sustenta.

Desse modo, é necessário pensar a rede urbana na Paraíba em todas as suas nuances, olhando não só para o papel da cidade média, que, por sua vez, também extrapola a escala local, mas de trazer elementos que possam embasar e dar sentido a toda a discussão sobre rede urbana na contemporaneidade. Diante de todas essas questões levantadas de maneira breve, haja vista que ainda não temos dados mais concretos que embasem uma discussão mais profunda, é possível afirmar que entender a rede urbana no contexto contemporâneo, mediante todas as transformações ocorridas nas duas últimas décadas, não é uma tarefa fácil.

Os elementos que apontamos como base para essa reflexão são muito iniciais, tendo em vista que cada vetor analisado gera uma série de desdobramentos que necessitam de uma compreensão mais profunda e detalhada. Por isso, apontamos este artigo como um ensaio inicial para dar o ponto de partida para duas questões: como se apresenta e se configura a rede urbana na Paraíba? O que os elementos analisados podem trazer de contribuição para compreender o que é a rede urbana no contexto contemporâneo?

V. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões apontadas neste trabalho, acerca das novas configurações e arranjos da rede urbana na Paraíba, se constituem como um ensaio para compreensão do que é a rede urbana no contexto contemporâneo. Logo, utilizamos como aporte o estudo de regionalização produzido pelo IBGE em 2017, haja vista que o referido estudo traz uma base inicial para sustentação do estudo proposto, que é a evidência dada a outros centros urbanos que não são, necessariamente, aqueles considerados como hierarquicamente superiores.

Embora a classificação apontada no estudo seja hierárquica, o nosso objetivo é que esta seja apenas uma base, não sendo necessária a incorporação do discurso construído pelo IBGE para embasar e justificar a existência de regiões geográficas imediatas e intermediárias. Desse modo, levamos em consideração não só a dinâmica dos centros urbanos de maior porte, mas também de todos aqueles que compõem as regiões imediatas e intermediárias, haja vista que os elementos e processos apresentados se reproduzem em ambas as localidades, mudando apenas sua intensidade.

Os elementos levantados a partir das cidades eleitas como objeto de reflexão do artigo em tela resultam de um conjunto de observações empíricas, bem como de pesquisas anteriores realizadas acerca da dinâmica urbana e regional destas localidades. Para tanto, reconhecemos a necessidade da construção de dados que possam embasar melhor as discussões, algo que será realizado na pesquisa que se encontra em andamento. No entanto, os elementos levantados já nos dão base para fazer uma ressalva a respeito do próprio conceito de rede urbana.

Tomando por base a configuração da rede urbana na Paraíba e articulando a uma leitura do interior do Nordeste, é possível afirmar que os processos identificados a partir dos novos arranjos e dinâmicas também se aplicam a leitura regional de outros espaços da referida região. Logo, a dimensão do conceito de rede urbana pautada apenas na discussão da hierarquia, heterarquia e jogos de escalas não são suficientes para dar conta de explicar o que é a rede urbana nessas

realidades, haja vista que os elementos que dão conta de responder o que é a rede urbana ainda partem de realidades em que a estruturação e reestruturação dos espaços se deu através de outros mecanismos e em momentos diferenciados.

Logo, diante dos processos já estudados e dos mecanismos que dão sustentação a sua existência, se faz necessário um apontamento de elementos que possam alimentar o conceito de rede urbana e identificar em que a rede urbana na Paraíba e até mesmo em outras localidades do Nordeste brasileiro têm se diferenciado dentro do arranjo nacional.

REFERÊNCIAS

BERNARDES, Antônio Henrique. SPÓSITO, Eliseu Savério. Meio técnico-científico-informacional. In.: Spósito, Eliseu Savério. **Glossário de Geografia Humana e Econômica**. São Paulo: Editora UNESP, 2017.

CATELAN, Márcio José. **Heterarquia Urbana**: interações espaciais interescolares e cidades médias. Presidente Prudente: UNESP, 2012, 227 p. Tese (Doutorado em Geografia). Faculdade de Ciência e Tecnologia. Universidade Estadual Paulista, 2012.

CALSAVARA, André Rynaldo. **Atacarejo**: estratégia planejada ou mera coincidência? Adm. de Emp. em Revista, Curitiba, n. 9, p. 47-64, 2009-2. Disponível em: <<http://revista.unicuritiba.edu.br>>, Acesso em: maio de 2019.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Estudos sobre a rede urbana**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015, 2º ed.

_____. **A Rede Urbana**. São Paulo: Ática, 1989.

_____. A rede urbana brasileira e a sua dinâmica: algumas reflexões e questões. In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (Org.). **Urbanização e Cidades**: perspectivas geográficas. Presidente Prudente: [s.n], 2001. p. 359-368.

HAESBAERT, R.. **Regional-Global**: Dilemas da Região e da Regionalização na Geografia Contemporânea. 1. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

SANTOS, Milton. **Manual de geografia urbana**. São Paulo: Hucitec, 1981.

SPÓSITO, Maria Encarnação Beltrão. Rede Urbana. In.: Spósito, Eliseu Savério. **Glossário de Geografia Humana e Econômica**. São Paulo: Editora UNESP, 2017.

_____. Novas redes urbanas: cidades médias e pequenas no processo de globalização. **Geografia**, Rio Claro, v. 35, n. 1, p. 52-62, jan./abr. 2010.



IBGE. **Região de Influência das Cidades.** Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <http://www.mma.gov.br/estruturas/PZEE/_arquivos/regic_28.pdf> Acesso: out/2018

IBGE. **Divisão Regional do Brasil em Regiões Geográficas Imediatas e Intermediárias.** 2017. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv100600.pdf>> Acesso: out/2018.